

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA — UFU**  
**INSTITUTO DE HISTÓRIA — INHIS**  
**GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA: LICENCIATURA E BACHARELADO**

**BRUNO FERREIRA EVARISTO**

**ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL: A PARTICIPAÇÃO DE  
OLAVO DE CARVALHO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE POLÍTICA NAS  
JORNADAS DE JUNHO (2013)**

**UBERLÂNDIA**

**2025**

**BRUNO FERREIRA EVARISTO**

**ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL: A PARTICIPAÇÃO DE  
OLAVO DE CARVALHO NA FORMAÇÃO DA IDENTIDADE POLÍTICA NAS  
JORNADAS DE JUNHO (2013)**

Dissertação de monografia apresentada ao Instituto de graduação em História da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS/UFU), como requisito parcial para obtenção da graduação em bacharelado e licenciatura.

Orientadora: Prof. Dra. Mônica B. Campo  
Coorientadora: Prof. Dra. Iara T. Correia

**UBERLÂNDIA**

**2025**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

E92 Evaristo, Bruno Ferreira, 1998-  
2025 ASCENSÃO DA EXTREMA DIREITA NO BRASIL: A  
PARTICIPAÇÃO DE OLAVO DE CARVALHO NA FORMAÇÃO DA  
IDENTIDADE POLÍTICA NAS JORNADAS DE JUNHO (2013)  
[recurso eletrônico] / Bruno Ferreira Evaristo. - 2025.

Orientadora: Mônica B. Campo.

Coorientadora: Iara T. Correia.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade  
Federal de Uberlândia, Graduação em História.

Modo de acesso: Internet.

Inclui bibliografia.

1. História. I. Campo, Mônica B., 1965-, (Orient.). II. Correia,  
Iara  
T., 1972-, (Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia.  
Graduação em História. IV. Título.

CDU: 930

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2: Gizele Cristine  
Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

A minha mãe e a toda minha família, pelo  
carinho e paciência de todos esses anos.

## **AGRADECIMENTOS**

Chegado o momento discursivo de maior anseio durante todos os anos de graduação. O momento de colocar em palavras, sentimentos que extrapolam o limite temporal do ciclo humano e são eternizados em memórias: amor e afeto.

Primeiramente, deixo meus agradecimentos, mais que merecidos, à minha mãe, Rosana Aparecida Ferreira, a qual é a maior responsável pela formação de meu caráter e conduta ética, da qual, sacrificou momentos de lazeres mundanos, para conseguir sozinha sustentar e educar dois filhos. A mesma que era rigorosa nos momentos de estudos, era afetuosa nos momentos mais simples da rotina familiar. Agradeço por toda humildade, carinho e afetuosidade que pode proporcionar em minha formação como pessoa. Pelo seu jeito de ser, por inspirar positividade e acima de tudo, ser minha mãe.

Agradeço toda minha família pelo apoio e paciência durante a vida e os anos de graduação, em especial meu irmão Arthur Evaristo e minha avó Marilene Evaristo. Os quais sempre me motivaram e incentivaram a concluir a graduação por mais conturbado que estivesse a situação.

Agradeço à minha orientadora Prof. Dra. Mônica B. Campo, por todo cuidado, acolhimento e carinho durante o processo de pesquisa e escrita deste trabalho. A qual, nunca descompriu com seus deveres de orientar-me pelos diversos momentos dos quais me ausentei da produção acadêmica em virtude do trabalho.

Obrigado a todos os professores do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (INHIS/UFU) e aos que tive o privilégio de ser aluno no decorrer de minha graduação.

Por fim, deixo meus agradecimentos ao meu falecido avô João Domingos. O qual, não pode estar presente para desfrutar de tal momento de prestígio, porém, foi de suma importância em minha criação e formação da pessoa que sou hoje.

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a trajetória de Olavo de Carvalho e sua contribuição para a formação ideológica e identitária da extrema-direita brasileira, com ênfase no contexto das Jornadas de Junho de 2013. Como principal objeto de análise, toma-se o livro *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, por reunir elementos que permitem compreender como suas narrativas foram apropriadas e amplificadas tanto pela mídia tradicional quanto pelas redes sociais digitais. O recorte temporal justifica-se pelo fato de que, nesse período, a retórica olavista encontrou terreno fértil para reinterpretar manifestações populares e transformá-las em marco de ruptura ideológica, em paralelo à publicação da obra analisada. Argumenta-se que o olavismo não pode ser compreendido apenas como um fenômeno excêntrico, mas como parte de um processo político mais amplo, marcado pela deslegitimação das instituições democráticas, pela mobilização de ressentimentos sociais e pelo uso sistemático da desinformação. Nesse sentido, sugere-se que o caso brasileiro deve ser interpretado em diálogo com estratégias transnacionais da extrema-direita, potencializadas pelo ambiente digital e sustentadas por um discurso do ódio que fragiliza o debate público e intensifica a polarização.

**Palavras chave:** Olavo de Carvalho. Jornadas de Junho de 2013. História do tempo presente. Extrema-direita brasileira.

## **LISTA DE IMAGENS**

Imagem 1. Manifestantes ocuparam a marquise do Congresso em 17 de junho de 2013 ...32

## **LISTA DE SIGLAS**

HTP - História do Tempo Presente

AMAN - Academia Militar das Agulhas Negras

MPL - Movimento Passe Livre

## SUMÁRIO

### INTRODUÇÃO

.....10

### CAPÍTULO 1. OLAVO DE CARVALHO E AS IDEIAS ALIMENTADAS PARA A EXTREMA-DIREITA BRASILEIRA .....14

1.1 O anticomunismo e antipetismo .....16

1.2 Das teorias conspiratórias .....18

1.3 Exaltação do militarismo nacional .....21

1.4 Olavo e a História .....24

### CAPÍTULO 2. O DISCURSO OLAVISTA E AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013

.....28

2.1 Movimento Passe Livre .....29

2.2 O governo Dilma .....30

2.3 Junho de 2013 .....32

### CONSIDERAÇÕES FINAIS .....42

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA .....48

## INTRODUÇÃO

A presente pesquisa tem como objetivo compreender as mazelas sociais e políticas que colocam em xeque as estruturas democráticas no Brasil contemporâneo a partir da emergência da extrema direita política — um cenário que, embora tenha raízes em um contexto temporal específico, projeta-se de forma significativa na atualidade. Tais problemáticas decorrem de uma série de fatores, entre os quais se destacam: o avanço do ultraconservadorismo, o ufanismo exacerbado, a exaltação das forças armadas, a deslegitimação do conhecimento científico, a banalização das redes sociais como espaço público e agente de difusão cultural, ainda, a articulação de intentos golpistas. Esses elementos configuram importantes obstáculos ao desenvolvimento da República brasileira com a manutenção de uma insipiente democracia.

Com o intuito de elucidar como e quando se iniciou o processo de formação da nova direita no Brasil, esta monografia volta-se à análise da atuação de Olavo de Carvalho, figura central na construção e disseminação de uma identidade ideológica que contribuiu para a ascensão do extremismo político no país.

A obra *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*, de autoria de Olavo de Carvalho, será utilizada como objeto principal para a compreensão das interpretações midiáticas e sociais que emergiram, especialmente a partir do ano de 2013, com ênfase nas chamadas “Jornadas de Junho”.

Adotando uma abordagem qualitativa, busca-se estabelecer conexões entre a narrativa proposta pelo autor e sua repercussão no cenário nacional, particularmente no que tange às transformações político-ideológicas subsequentes. Para tanto, serão mobilizados também outros autores e referenciais teóricos que permitam mapear de maneira crítica a complexidade do fenômeno abordado e sua relevância para a conjuntura sociopolítica atual do Brasil, marcada por intensas rupturas ideológicas.

Para realizar a análise acerca dos escritos de Olavo de Carvalho, é necessário apresentar a linha teórica que norteará o debate sobre sua participação no desenvolvimento das novas direitas no Brasil. Em primeiro a história do tempo presente (HTP), será tema desse desenvolvimento, pontuando cenários dos quais Olavo se faz presente.

A História do Tempo Presente como um campo historiográfico autônomo e relevante, ainda que marcado por desafios metodológicos e epistemológicos específicos. Há uma convergência no entendimento de que, apesar da proximidade temporal com os acontecimentos analisados, a HTP configura-se como uma prática historiográfica que compartilha os mesmos princípios fundamentais que orientam o estudo de períodos mais recuados, especialmente no que tange ao rigor metodológico e à crítica das fontes. Independente destes critérios metodológicos e epistemológicos “[...] a história do presente é primeiramente e antes de tudo história” (BERSTEIN; MILZA, 1999, p. 127)

Um dos principais argumentos em defesa da HTP reside na crescente demanda social por memória, identidade, política, cultura e inteligibilidade do presente. Em um contexto histórico caracterizado pela aceleração dos processos sociais, pela complexidade crescente e por sucessivas rupturas, é necessário atentar-se aos cuidados que esta produção historiográfica exige ou deixa em aberto. Como argumenta René Rémond, “o interesse pelo político não é próprio da história recente e o político não está exclusivamente ligado à proximidade no tempo” (RÉMOND, 1999, p. 53).

A HTP emerge como uma ferramenta analítica indispensável para interpretar fenômenos contemporâneos, combater a atemporalidade e relativizar a fetichização da novidade ao buscar dar sentido aos acontecimentos recentes, a HTP propõe explicações de natureza multicausal, superando a superficialidade das narrativas midiáticas e as impressões imediatistas. Mas, surgem os questionamentos de que as interpretações e experiências pessoais do historiador responsável por tecer esta narrativa, não comprometam o entendimento dos fatos narrados, contudo, todo historiador é filho de seu tempo e sua responsabilidade é fornecer a escrita de um cenário que foge a interpretação da percepção do imediato. Jean-Pierre Rioux faz uma provocação aos críticos da história do presente:

Como não sentir [...] que uma reflexão histórica sobre o presente pode ajudar as gerações que crescem a combater a atemporalidade contemporânea, a medir o pleno efeito destas fontes originais, sonoras e em imagens, que as mídias fabricam, a relativizar o hino à novidade tão comumente entoado, a se desfazer desse imediatismo vivido que aprisiona a consciência histórica como a folha de plástico ‘protege’ no congelador um alimento que não se consome (1999, p. 46)

As fontes destacam que o surgimento e a consolidação da HTP como campo de estudos ocorreram, sobretudo, a partir da década de 1970, com destaque para a criação do Institut

d'Histoire du Temps Présent (IHTP), na França. Tal processo expressa uma renovação historiográfica que reabilitou o político como objeto legítimo da história e incorporou novos temas, sujeitos e abordagens, com ênfase na subjetividade da memória, na agência dos atores históricos e na dimensão estruturante dos acontecimentos recentes, Philippe Tetart, contribui com a sequência dos entendimentos de Jean-Pierre Rioux, sobre a participação do historiador, quanto a sua posição da narrativa do presente, “não se discute o valor real dos fatos na história, mas sua percepção e as condições históricas nas e pelas quais estes [os fatos] são percebidos”. Chauveau & Tétart (1999, p. 33)

As críticas ao campo da HTP concentram-se, sobretudo, na suposta impossibilidade de distanciamento analítico do historiador em relação ao seu objeto de estudo, na influência das contingências contemporâneas sobre a interpretação histórica e na complexidade de seleção e hierarquização das fontes disponíveis. Contudo, os autores argumentam que tais dificuldades não são exclusivas da HTP, sendo enfrentadas, em maior ou menor grau, em qualquer recorte temporal. O fator determinante para a legitimidade da produção histórica reside, portanto, no rigor metodológico, independentemente da cronologia investigada. Ademais, a ausência de distanciamento absoluto pode ser compreendida não como um obstáculo, mas como um recurso heurístico, na medida em que o pesquisador compartilha com os sujeitos históricos categorias de percepção e referências simbólicas.

Um traço distintivo da HTP é a sua imersão naquilo que Henry Rousso denominou como “pressão dos contemporâneos” e a possibilidade de interlocução direta com testemunhas dos eventos analisados. O historiador do tempo presente lida com uma ampla gama de fontes, incluindo registros escritos, orais e audiovisuais. A fonte oral, em particular, é considerada um recurso privilegiado nesse contexto, “a fonte oral é privilégio do historiador do presente” (FRANK, 1999, p. 106), pois possibilita o acesso a dimensões subjetivas e aspectos da vida cotidiana que frequentemente escapam às fontes documentais tradicionais. No entanto, essa característica também impõe desafios específicos, exigindo do historiador um trabalho rigoroso de crítica interna e cruzamento das fontes, de modo a evitar a naturalização da memória como verdade histórica.

Em síntese, as fontes consultadas sustentam que a HTP constitui um campo historiográfico indispensável para a compreensão crítica do mundo contemporâneo. Embora os desafios inerentes à proximidade temporal e à natureza das fontes sejam significativos, a aplicação criteriosa dos métodos historiográficos, aliada à consideração dos contextos e à

interlocução interdisciplinar, possibilita a produção de conhecimentos historicamente fundamentados. A HTP, assim, não apenas interpreta o passado recente, mas também contribui para a inteligibilidade do presente e para a preservação de fontes que servirão às gerações futuras.

## **CAPÍTULO 1. OLAVO DE CARVALHO E AS IDEIAS ALIMENTADAS PARA A EXTREMA DIREITA BRASILEIRA**

A participação de Olavo de Carvalho na formação da nova direita antecede os processos políticos-sociais, citados anteriormente. Em vida, ele se auto proclamava como jornalista, escritor, astrólogo e por fim, filósofo. A trajetória de Carvalho pouco é interessante e expressiva, uma vez que arriscava-se em todas as áreas sem fundamentações necessárias para argumentações sólidas e embasadas, tinha criado por conta própria uma péssima reputação, processando aqueles que eram contrários às suas publicações e contra a qual, utilizava de ofensas e palavrões deliberadamente como forma de argumentação e validação para sua filosofia. Entretanto, é exatamente esse comportamento atípico social, que legitima, para aqueles que o consideram o “Guru”, sua filosofia conspiratória e inquietante sobre as verdades mundanas. [...] Não é o diploma que confere a alguém o epíteto de intelectual. [...] importa o que o guru faz com os textos que cita e não se o seu uso é legítimo academicamente. Por mais que se pautava em alguns autores para sua fundamentação como, Alexandre Soljenítsin, Fyodor Dostoiévski e Gilbert Keith Chesterton, os quais em suma, apresentam uma visão conservadora, religiosa e que pauta em cima dessas percepções a moral social.

Seu trabalho como ceifador da democracia e perseguidor dos ideais que cercam as políticas de esquerda, só chegaram a receber alguma atenção relevante, após a eleição do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro<sup>1</sup>, momento em que, recebe glorificações como mentor intelectual, guia filosófico, da estrutura manipuladora de verdades e conspiratórias que fomentam a guerra cultural deste período. Fora isso, buscar compreender a irracionalidade por trás das teorias alucinógenas não renderia nenhum trabalho com contribuição significativa, para com a evolução e compreensão do raciocínio político contemporâneo.

Contudo, suas conspirações e perseguições ao comunismo começaram antes do primeiro governo Lula, onde realizou a publicação de três livros, “A nova era e a revolução cultural”<sup>2</sup>, “O jardim das inquietações”<sup>3</sup> e “O imbecil coletivo”<sup>4</sup>, publicações das quais o autor

---

<sup>1</sup> Jair Messias Bolsonaro GOMM, é um militar reformado e político brasileiro, atualmente filiado ao Partido Liberal. Foi o 38.º presidente do Brasil, de 1.º de janeiro de 2019 a 31 de dezembro de 2022, tendo sido eleito pelo Partido Social Liberal nas eleições de 2018.

<sup>2</sup> Carvalho, Olavo. **A nova era e a revolução cultural: Fritjof Capra e Antonio Gramsci**. 1. ed. Rio de Janeiro: Instituto de Artes Liberais, 1994.

<sup>3</sup> Carvalho, Olavo. **O jardim das aflições: de Epicuro à ressurreição de César: ensaio sobre o bom uso da desgraça**. 1. ed. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995

<sup>4</sup> Carvalho, Olavo. **O imbecil coletivo: atualidades inculturais brasileiras**. 1. ed. Rio de Janeiro: Faculdade da Cidade Editora, 1996.

busca elencar, através de um diálogo raso e provocativo, os problemas da sociedade ocidental contemporânea, apoiando seu discurso, na infiltração dos ideais marxistas desde os meios de circulação midiáticos até na educação. Divulgando por meio de ilusão da existência de uma “guerra cultural” da qual as teorias esquerdistas lideram a disputa, permaneceu ativo e com espaço não somente midiático como também em grupos representativos da sociedade, obtendo grande alcance e reconhecimento que o tornam incontornável e importante na segunda década do século XXI, ou seja, já no momento posterior da queda da URSS e fragmentação da Europa Oriental. Durante o governo de Dilma Vana Rousseff<sup>5</sup>, o jornalista Felipe Moura<sup>6</sup>, reuniu artigos e ensaios de Carvalho, formando o livro “o mínimo que você precisa saber para não ser um idiota”<sup>7</sup>, coletânea organizada a partir de 26 anos de artigos jornalísticos, de cunho político e filosófico de Olavo de Carvalho, nos quais ele expunha suas principais ideias e críticas ao pensamento de esquerda, marxista e gramsciano. Abordando a partir de um cunho moralista temas como religião e educação, acusando como a formação racional derivada do iluminismo foi manipulada pelos acadêmicos marxistas. Não ironicamente, Gramsci é um dos principais autores contraditórios ao movimento fascista na Itália como destacado por Lincoln Secco “[...] Gramsci previu na famosa resposta que deu ao tribunal fascista que o condenou a vinte anos de prisão: “Vocês conduzirão a Itália à ruína e a nós, comunistas, caberá salvá-la”.(Secco, 2023)<sup>8</sup>

Assim, lanço-me em compreender como é construído o discurso Olavista, a partir de uma ótica, que historicamente o lê como porta voz de um discurso fascista. Nas palavras de Secco “[...] não é fácil propor qualquer definição do fascismo e nem mesmo estabelecer as diferenças entre sua primeira época de aparição e os neofascismos contemporâneos.”<sup>9</sup>

Olavo de Carvalho desde os anos finais da ditadura militar, atuou como colunista para algumas empresas jornalísticas, como Folha de São Paulo (Folhetim), O Globo, entre outras,

---

<sup>5</sup> Dilma Vana Rousseff, foi a 36ª presidente do Brasil, exercendo o cargo de 2011 a 2016, onde foi afastada do cargo por um processo de impeachment, o qual trataremos aqui, como golpe. Rousseff também possui graduação em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1977). Foi aluna de mestrado e doutorado em Ciências Econômicas da UNICAMP, onde concluiu os respectivos créditos.

<sup>6</sup> Felipe Moura Brasil é um escritor, jornalista, blogueiro, comentarista e apresentador brasileiro. Ele teve algumas passagens pelas emissoras e canais jornalísticos de circulação de grande mídia, como: Editora Record; Veja; O Antagonista; Jovem Pan; Rádio BandNews FM; CNN Brasil.

<sup>7</sup> CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Organização de Felipe Moura Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

<sup>8</sup> SECCO, Lincoln. **Antonio Gramsci e o fascismo – Parte I**. A Terra é Redonda, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/antonio-gramsci-e-o-fascismo/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

<sup>9</sup> SECCO, Lincoln. **Antonio Gramsci e o fascismo**. A Terra é Redonda, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/antonio-gramsci-e-o-fascismo/>

as mesmas que anos depois taxaria como grandes mídias manipuladoras ou, de modo geral, se voltaria contra elas. Entretanto, foram essas passagens na mídia tradicional as responsáveis por catapultar suas ideias para o cenário nacional, assim como, torná-lo conhecido e requisitado desde os anos ditatoriais. Posterior a organização de palestras (muitas delas no círculo militar e na AMAN – Academia Militar das Agulhas Negras), publicação de livros, entretanto, seu principal meio de divulgação e com o qual expandiu exponencialmente o seu legado, deu-se através de seu canal no YouTube<sup>10</sup>, o qual continua até os dias de hoje, sendo alimentado com trechos de vídeos e transmissões ao vivos que foram armazenadas. A partir deste canal de divulgação, angariou uma grande parcela de seu público para o seu blog<sup>11</sup>, público este multiplicador que possibilitou a continuidade ao seu projeto ideário. Analisaremos três recortes temáticos que aparecem em seu livro “o mínimo que você precisa saber para não ser um idiota” os quais são responsáveis por nortear sua filosofia, sendo elas: 1) Anticomunismo<sup>12</sup> que associava ao antipetismo<sup>13</sup>; 2) teorias conspiratórias; 3) A memória da ditadura militar.

### 1.1 O anticomunismo e antipetismo

Primeiro, os ideais anticomunista são antecedentes a quaisquer sejam as formulações filosóficas olavista, tendo origem no início dos anos 1920, após os acontecimentos da revolução russa<sup>14</sup>, o “sentimento” e/ou sentido do anticomunismo, dirige-se a grupos ativistas com ideais que são identificados como tendo por base teorias marxistas, os quais são classificados como inimigos da nação, uma ameaça à liberdade e à democracia.

---

<sup>10</sup> <https://www.youtube.com/@opropriolavodecarvalho>

<sup>11</sup> <https://olavodecarvalho.org/>

<sup>12</sup> O anticomunismo no Brasil começou a ganhar força no início do século XX, principalmente após a Revolução Russa de 1917. Sendo impulsionado por eventos extraordinários no Brasil, como o governo de Getúlio Vargas e a Ditadura militar, no qual grupos de esquerda sofreram forte repressão e perseguição política. O Partido dos Trabalhadores foi fundado após as greves do ABC de SP, tendo a liderança de Luís Inácio da Silva como sindicalista. A associação do PT como sendo um partido comunista é equivocada, mas as concepções reacionárias de política possuem bases profundas e entranhadas, o que possibilitou esta difusão negativa a partir da qual o pseudo-filósofo edificou a própria fama. A difamação, o ataque baixo assentado nos pré-conceitos sociais e ideológicos foram sendo propagados e encontraram nas mídias jornalísticas e nos grupos reacionários permanentes o espaço para sobreviver e propagar seus ideais e se fazendo ponta de lança deste reacionarismo.

<sup>13</sup> O antipetismo surgiu após a redemocratização da república brasileira, deriva-se do anticomunismo, entretanto direcionado ao Partido dos Trabalhadores, teve um acréscimo de adeptos à ideologia após alguns escândalos políticos como o mensalão em 2005 e a lava jato em 2014, sendo ambos escândalos escalonados pela massiva divulgação feita pelas mídias jornalísticas brasileiras.

<sup>14</sup> A Revolução Russa foi um acontecimento extraordinário nos marcos históricos, ocorrido entre os anos 1917 e 1923, foi construída por uma série de eventos que acabariam por destituir a monarquia russa em substituição de um governo partidário, no caso o partido Bolchevique.

Quando alguém me diz que o comunismo é coisa do passado, que advertir contra ele é açoiar um cavalo morto, tenho às vezes uma certa suspeita de estar conversando com um canalha. Não que o sujeito o seja necessariamente. Mas, a rigor, somente um canalha descontaria 1,2 bilhão de pessoas que ainda vivem sob a tirania comunista como uma quantidade negligenciável, um infinitesimal no infinito. Somente um canalha desprezaria como irrelevantes os quarenta fuzilamentos mensais de mulheres chinesas (e seus respectivos médicos) que se recusam a praticar aborto. [...] Somente um canalha induziria o povo a ignorar essas coisas, para que, quando a revolução que se prepara no Brasil com dinheiro do narcotráfico tomar o poder, ninguém perceba estar revivendo a tragédia da Rússia, da China e de Cuba.<sup>15</sup>

Olavo não media esforços, quando dedicava-se a atacar as ideologias e idealizadores das ideias de esquerda, sendo que para ele toda e qualquer política de cunho de inclusão social, que se volte a direitos civis, são “acusados” de serem comunistas e associados como sendo “de esquerda”. A citação acima explicita o quanto a formação baseada no terror comunista, alimentados pelos governos de direita da república brasileira e a ditadura militar, são participantes ativas na formação do discurso desqualificador e ameaçador, quando retratado de ideias e agentes históricos. Os eventos extraordinários ocorridos durante a ditadura militar no Brasil, buscou alimentar o discurso patriótico, que segue bem ao gosto reacionário, e que construía a repulsa aos ideários chamados de esquerda, ou seja, todas as políticas públicas que visassem a inclusão social como sendo a de invasores da república brasileira. Dentro de todo esse cenário de instigação patriótica, a repulsa aos ideais de empatia social eram associados à visão de uma ameaça à nação brasileira, pois investe nos seus preconceitos entranhados do racismo e da aparofobia. Neste sentido, é a partir desta base que Olavo de Carvalho construiu os alicerces de sua ação ideológica, calcada em uma ética duvidosa e no discurso moralizante. Como apontado pelo cientista político José Luis Fiori e no cientista social William Nozaki.

Depois da redemocratização, em 1985, essa mesma cabeça bitolada das novas gerações militares perdeu a capacidade de entender a complexidade brasileira [...] A Guerra Fria acabou, os EUA deixaram de apoiar políticas desenvolvimentistas, e tudo indica que a formação militar foi sequestrada pela visão neoliberal. Como resultado, os militares brasileiros ainda não conseguiram se desfazer de sua visão anticomunista do período pós-guerra, volta e meia confundem a Rússia com a União Soviética, e ainda somam a isto uma nova visão binária, oriunda dos manuais de economia ortodoxa e fiscalista, em que o próprio Estado é tratado como grande inimigo.<sup>16</sup>

<sup>15</sup> CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Organização de Felipe Moura Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. Pag 112.

<sup>16</sup> FIORI, José Luís; NOZAKI, William. **O fracasso dos militares**. A Terra é Redonda, 31 jan. 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/o-fracasso-dos-militares/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

Já o antipetismo, mesmo advindo das raízes anticomunista, é personificado com a adição do ódio e repulsa a um grupo político específico, o partido do trabalhadores. O mesmo posteriormente será utilizado por uma parcela ideológica ou popular, para marginalizar todos aqueles que se identificam e/ou defendem as ideologias sociais de políticas públicas, ideais de igualdade social, melhorias estatais para avanços coletivos, por generalização ou ignorância, todos que compartilharem dessas ideias serão enquadrados como “petistas” e/ou “esquerdistas”.

Essa mídia finge surpresa e escândalo, agora, quando o depoimento de Marcos Valério e o caso Rosemary terminam de revelar as dimensões oceânicas da sujeira petista e rompem até a blindagem laboriosamente construída e mantida, ao longo de pelo menos dezesseis anos, em torno da figura do sr. Luiz Inácio Lula da Silva. Mas quem quer que lesse as atas do Foro, onde o impoluto cavalheiro aparecia presidindo assembleias ao lado do sr. Manuel Marulanda, comandante da maior organização terrorista e narcotraficante da América Latina, compreenderia de imediato não estar diante de nenhum santo proletário, mas sim de um leninista cínico, disposto a usar de todos os meios lícitos e ilícitos, morais e imorais, para aumentar o poder do seu grupo. Se a população tivesse sido alertada disso em tempo, a “era Lula”, com todo o seu cortejo de crimes e abjeções, teria permanecido no céu das hipóteses, sem jamais descer e realizar-se no planeta Terra.<sup>17</sup>

O trecho retirado do livro de Olavo, expõe como é realizada sua articulação argumentativa. Não é necessário maiores reflexões para notar uma continuidade no discurso formado pelo ódio e desqualificação do adversário.

Os discursos anticomunista e antipetista advém do mesmo berço e banharam-se das mesmas ideologias amedrontadoras e conspiratórias nas quais os grupos sociais da base são criminalizados e sempre tratados como suspeitos e criminosos em potencial. Olavo em seu discurso antipetista apenas consegue direcioná-los para agentes políticos contemporâneos, onde a desqualificação foge das ideias e tornam-se palpáveis e sem pudor.

## 1.2 Das teorias conspiratórias

Segundo, a formação das teorias conspiratórias, Carvalho fundamenta seus ideais, partindo de um princípio de questionamento, de refutar a verdade popular ou a verdade que foi “imposta” e “forjada” pela estratégia comunista de controle de massa. Sua formulação de conspirações pauta-se em uma prerrogativa de que, as influências marxistas e gramsciana nas

---

<sup>17</sup> CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Organização de Felipe Moura Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. Pag 252.

universidades, veículos de comunicação em massa e na formação de figuras públicas, formam uma realidade fictícia, com interesses políticos e pessoais para manipulação da verdade.

O jogo normal de esquerda e direita, que permite a continuidade do processo democrático e mantém os extremismos sob rédea curta, foi substituído por um sistema de controle monopolístico não só do poder estatal como da cultura e da mentalidade pública; controle tão eficiente que já não é percebido como tal, de modo que, quanto mais patológica é a situação, mais confortavelmente todos se acomodam a ela, acreditando piamente viver na mais pura normalidade democrática. A facção que domina o governo controla também o sistema de ensino, as universidades e instituições de cultura, o meio editorial e artístico e a quase totalidade dos órgãos de mídia. A mais mínima falha nesse controle, o mais leve sinal de descontentamento, mesmo parcial e apolítico, desperta ou alarma as hostes governistas, que então se apressam a mobilizar seus militantes para o combate a “ameaças golpistas” perfeitamente inexistentes.<sup>18</sup>

Olavo estrutura as filosofias conspiratórias a partir do discurso que é existente uma “guerra cultural” e de que a esquerda está ganhando, criando um cenário que corrobora com situação popular de que “Estão subsumidos ao entendimento de que o Estado deve patrocinar uma revolução na área cultural, de modo a liberá-la da influência nefasta de um suposto “marxismo cultural”. (Lyra, 2021). Ele acredita e afirma que a esquerda controla os meios de informação popular e formação escolar nos níveis básicos e superiores (sic), além disso, que esta mesma esquerda se vangloria da formação intelectual pelas universidades públicas brasileiras, e reforça a ideia de cooptação e doutrinação no âmbito educacional de maneira sistemática, para quando oportuno, dirigir os jovens a uma escravização intelectual.

O resultado dessa crença generalizada é desastroso: todos os movimentos totalitários e genocidas dos últimos séculos — comunismo, nazismo, fascismo, radicalismo islâmico etc. — foram criações de jovens, e sua militância foi colhida maciçamente nas universidades. [...] De maneira oposta e complementar, se ouve a palavra “social”, começa a salivar de gozo, arrastado pelo atrativo mágico das imagens: social-socialismo justiça-igualdade-liberdade-sexo-e-cocaína-de-graça-oba! Não estou exagerando em nada. É exatamente assim, por blocos e engramas consolidados, que uma juventude estupidificada lê e pensa. Essa gente nem precisa do socialismo: já vive nele, já se deixou reduzir à escravidão mental mais abjeta, já reage com horror e asco ante a mais leve tentativa de reconduzi-la à razão, repelindo-a como a uma ameaça de estupro.<sup>19</sup>

<sup>18</sup> CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Organização de Felipe Moura Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. Pag 99.

<sup>19</sup> CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Organização de Felipe Moura Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. Pag 31 - 348.

Gerando em suas falas e produção bibliográfica a necessidade de levantar questionamentos sobre a veracidade dos acontecimentos históricos e como a formação da sociedade contemporânea está atrelada de maneira perigosa à ameaça vermelha. Logo, busca de maneira incansável a necessidade repetitiva em apontar agentes que se enquadrem como cúmplices e/ou culpados. A universidade como espaço de cooptação e corrupção cultural e a juventude na passividade de ser sequestrada em seus valores e manipulada para se tornar seguidora implacável de supostas ideologias corruptoras.

O poder dos governos sobre as populações civis já é praticamente incontrolável, reduzindo cada vez mais a um mero formalismo jurídico a diferença entre democracia e ditadura. Não, não se trata de nenhuma “teoria da conspiração”. Conspirações existem, mas não são elas que produzem esse estado de coisas. Ao contrário, é ele que torna viável, hoje em dia, a criação de um governo global onipotente, imunizado contra qualquer tentativa de controle popular.<sup>20</sup>

Em relação às teorias de conspirações, Olavo destaca-se em dois sentidos principais. Em primeiro, uma incessante linguagem chula de argumentação barata, argumentação chula, que busca colocar as memórias históricas já postulada como fatos, em que foram realizadas buscas científicas para construção das narrativas, como conspirações arquitetadas pelos agentes esquerdistas, na busca de realizar uma manipulação da população, tomadas como se fossem ignorantes e massa de manobra, e assim atingir os objetivos de aplicação do modelo comunista e/ou socialista de governo. Em segundo, é aqui em que Olavo consegue obter as maiores atenções, porque foi capaz de construir a sua própria produção conspiratória. A articulação realizada entre a realidade e as teorias conspiratórias, se apoiam na utilização de um ponto verídico e a construção da narrativa distorcida e absurda, além de contar com a falta de busca e ignorância das informações daqueles que as lêem, “O Guru não é tanto um falsário quanto um farsante. Ele pode falsificar dados ou cometer plágios [...]”<sup>21</sup>.

É possível realizar uma longa listagem das teorias conspiratórias elegidas por Olavo, entretanto, infelizmente mesmo uma busca rasa está carregada com comentários absurdos publicados por este. Talvez um dos mais folclóricos seja o referente à Pepsi, “A Pepsi está utilizando fetos humanos, para produção de adoçante”<sup>22</sup>. Ele ainda se costumava se filiar a

<sup>20</sup> CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Organização de Felipe Moura Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. Pag 151.

<sup>21</sup> SECCO, Lincoln. **O Guru**. A Terra é Redonda, 07 maio 2020. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/o-guru/>. Acesso em: 27 ago. 2025.

<sup>22</sup> Comentário disponível em: <https://youtu.be/nlvi2YdWPZ4?si=wN3tXFMAgdvL2uyw>

divulgação e argumentação acerca do terraplanismo, ou a desqualificação de ecologistas discordando dos estudos sobre a crise ambiental e os efeitos climáticos decorrentes dela, afirmando que tais temas são invenções para enfraquecer os mercados capitalistas, portanto, apoiando as indústrias petrolíferas. Aqui retomo no ponto de que a falta de informações e abundância de ignorância pelos meios por quais essas teorias, foram divulgadas e enaltecidas é um dos fatores que são sequência ao pensamento reacionário olavista, fortalecendo essa eloquência, que tem como resultado, uma vasta rede de desinformação financiada por interesses políticos.

No Brasil, a extrema direita não conta com milícias organizadas, como os fascistas, mas com milícias virtuais, verdadeiras falanges que atuam nas redes sociais através do *marketing* religioso e político, manipulando os desejos e as carências de incautos. Ela também não dispõe, como Goebbels, na Alemanha, da máquina estatal para divulgar inverdades. Mas utiliza o mesmo método do dirigente nazista e dos fascistas: a propagação massiva de mentiras.<sup>23</sup>

De modo geral, é possível perceber que a influência de Olavo de Carvalho se construiu em grande parte a partir da criação e da divulgação de teorias conspiratórias. Muitas delas se apoiavam em pontos da realidade, mas eram reinterpretadas de forma a sustentar narrativas que colocavam em dúvida ou mesmo negavam conhecimentos já consolidados pela ciência e pela história. Esse movimento abriu espaço para a circulação de desinformação, fortalecendo discursos capazes de mobilizar seguidores e de manter uma lógica de manipulação ideológica.

### 1.3 Exaltação do militarismo nacional

Em terceiro, o apoio e a glorificação de Carvalho à ditadura militar, como guia essencial na formação moral e ética de modelo para a república brasileira, como indicado por Luiz Marques, “No presente, a angústia que atíça o neoconservadorismo e joga água no moinho do neofascismo e do neoliberalismo não evoca o espectro da tecnologia moderna, mas a moral e os bons costumes” (Marques, 2022). A formação essa, abraçada para seu âmbito discursivo e argumentativo, uma vez, que o período ditatorial, foi um campo fértil para o afloramento de

---

<sup>23</sup> LYRA, Rubens Pinto. **Dois anos de desgoverno – os fatores psicossociais e ideológicos**. A Terra é Redonda, 11 de abr. 2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/dois-anos-de-desgoverno-os-fatores-psicossociais-e-ideologicos/>

ideários de perseguição aos “inimigos da nação”, já identificados anteriormente como comunistas. O militarismo político, fomentou a formação das ideias, alavancando nos veículos de circulação midiáticos figuras políticas e filosóficas que conseguiam justificar e de alguma maneira gerar um aparato lógico para as circunstâncias extremas que ocorriam de maneira sistemática e rotineira. Olavo, pautado em suas experiências mundanas, forma sua personalidade e filosofia agressiva, exaltando a ditadura militar e a força da repressão como modelos a serem enaltecidos, que lhe forneceram fôlego e sustentação reacionária de divulgação para seu discurso.

Se houve na história da América Latina um episódio *sui generis*, foi a Revolução de Março (ou, se quiserem, o golpe de abril) de 1964. Numa década em que guerrilhas e atentados espoucavam por toda parte, sequestros e bombas eram parte do cotidiano e a ascensão do comunismo parecia irresistível, o maior esquema revolucionário já montado pela esquerda neste continente foi desmantelado da noite para o dia e sem qualquer derramamento de sangue. [...] Os trezentos esquerdistas mortos após o endurecimento repressivo com que os militares responderam à reação terrorista da esquerda, em 1968, representam uma taxa de violência bem modesta para um país que ultrapassava a centena de milhões de habitantes, principalmente quando comparada aos 17 mil dissidentes assassinados pelo regime cubano numa população quinze vezes menor. Com mais nitidez ainda, na nossa escala demográfica, os 2 mil prisioneiros políticos que chegaram a habitar os nossos cárceres foram rigorosamente um nada, em comparação com os 100 mil que abarrotavam as cadeias daquela ilhota do Caribe. E é ridículo supor que, na época, a alternativa ao golpe militar fosse a normalidade democrática. Essa alternativa simplesmente não existia: a revolução destinada a implantar aqui um regime de tipo fidelista, com o apoio do governo soviético e da Conferência Tricontinental de Havana, já ia bem adiantada. Longe de se caracterizar pela crueldade repressiva, a resposta militar brasileira, seja em comparação com os demais golpes de direita na América Latina seja com a repressão cubana, se destacou pela brandura de sua conduta e por sua habilidade de contornar com o mínimo de violência uma das situações mais explosivas já verificadas na história deste continente.<sup>24</sup>

O discurso olavista utiliza como prerrogativa, uma imagem glorificadora do regime militar, no discurso acima fica nítido a idolatria ao militarismo nacional e a construção da narrativa sob os acontecimentos do regime militar. Em que, a perseguição aos grupos de esquerda, é maquiado por um ufanismo sufocante, com justificativa de defesa da pátria. Mais interessante é como a narrativa da boa conduta do regime militar brasileiro é construída em comparação a outros regimes, Carvalho justifica e não nega a repressão realizada, mas constrói uma narrativa de reação e resposta de ataques da esquerda que nunca existiram, e vai além, ao

---

<sup>24</sup> CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Organização de Felipe Moura Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. Pag 289.

comparar com outro regime qualificado de esquerda, o cubano, o grande fantasma comunista dos norte-americanos e abraçado pelos reacionários da América Latina, legitimando e minimizando a escalada ditatorial ocorrida por aqui, além de ignorando e desqualificando a Comissão Nacional da Verdade, que entre 2012 e 2014 desenvolveu suas atividades.

[...] com renitência obsessiva, a recordação dos feitos malignos do regime militar, ampliados até à demência, de tal modo que trezentos terroristas mortos assumam as proporções de um genocídio mais vasto que a matança de 100 mil cubanos, 2 milhões de cambojanos, 40 milhões de cidadãos soviéticos e 70 milhões de chineses. O fato de que aqueles terroristas fossem, em maior ou menor medida, todos colaboradores do genocídio comunista é descontado como se fosse um nada, e os personagens são transfigurados em heróis da democracia. A menor tentativa de recolocar os fatos nas suas devidas proporções é rejeitada, inclusive nas universidades, como um sinal ameaçador de golpismo iminente. Se isso não é uma psicose, toda a ciência da psicopatologia está errada.<sup>25</sup>

A construção de uma memória reacionária dos anos da ditadura militar é realizada sistematicamente através de uma narrativa esvaziadora de criticidade, indicando aos leitores, nomeados de “idiotas” pelo próprio Olavo, de que as atrocidades ocorridas no período da ditadura brasileira fazem parte da estratégia esquerdista para ganhar a guerra cultural. A narrativa pseudo filosófica olavista não propõe ao seu leitor atitudes reflexivas, o que fez foi estimular falsas verdades. Logo, essas estruturas discursivas que são utilizadas por Olavo como sustentação dos argumentos de extrema direita, apresentam uma ameaça à democracia, uma vez que tal discurso oferece uma viabilização para exercício do poder, como apontado pela filósofa Marilena Chaui:

– ideologicamente, com a expressão “marxismo cultural”, os gestores perseguem todas as formas e expressões do pensamento crítico e inventam a divisão da sociedade entre o bom povo, que os apoia, e os diabólicos, que os contestam. Por orientação dos consiglieri, pretendem fazer uma limpeza ideológica, social e política e para isso desenvolvem uma teoria da conspiração comunista, que seria liderada por intelectuais e artistas de esquerda. Os conselheiros são autodidatas que se formaram lendo manuais e odeiam cientistas, intelectuais e artistas, aproveitando-se do ressentimento que a extrema direita tem por essas figuras. Como tais conselheiros estão desprovidos de conhecimentos científicos, filosóficos e artísticos, empregam a palavra “comunista” sem qualquer sentido preciso: comunista significa todo pensamento e toda ação que questionem o status quo e o senso-comum (por exemplo: que a terra é plana; que não há evolução das espécies; que a defesa do meio ambiente é mentirosa; que a teoria da relatividade não tem

<sup>25</sup> CARVALHO, Olavo de. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. Organização de Felipe Moura Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. Pag 101.

fundamento, etc.). São esses conselheiros que oferecem aos governantes os argumentos racistas, homofóbicos, machistas, religiosos, etc., isto é, transformam medos, ressentimentos e ódios sociais silenciosos em discurso do poder e justificativa para práticas de censura e de extermínio<sup>26</sup>

Assim, os três pilares de sustentação da filosofia Olavista, são complementares uns aos outros, a sustentação no antigo discurso anticomunista que passou a ser associado ao antipetismo está fundamentada pelo ufanismo ideologizado dos anos da ditadura militar, tratados como passado mitológico ideal. A estratégia argumentativa agressiva visa deslegitimar o adversário em questão para legitimar sua argumentação, que utiliza da distorção descontextualizada e criação de enredos para sustentar sua narrativa. A argumentação utilizada parte para a coação do leitor, jogando com sua vaidade, para induzi-lo a aceitar passivamente os argumentos pífios sobre os quais se assenta, para isso utiliza frases como “apenas um idiota não perceberia [...], somente um canalha [...], só quem é idiota acreditaria [...]”, indicando ao leitor, que, no caso de não concordar ou nunca ter refletido sobre tais questões, este seria configurado como o idiota, e ali estaria a ser alertado por Olavo. No discurso apelativo da vaidade do leitor, que não quer se sentir idiota e foge de identificar-se como tal, acaba por abraçar a artimanha argumentativa da obra, afinal, quem vai dizer que o Rei está nu e vai assumir que a nova roupa do rei não passou de um embuste.

#### 1.4 Olavo e a História

Olavo nunca se intitulou como historiador, entretanto, recorreu a história todas as vezes que necessário justificar ou manipular alguma argumentação de suas teorias. Neste quesito, de reescrever a história em seus moldes. Philippe Tétart em 1999 escreveu a obra *Questões para história do presente*, com ela busca orientar os historiadores, ou ainda, aqueles que de alguma maneira arriscam-se em realizar tal tarefa, nos cuidados que devem ser enfrentados ao relatar uma história do presente.

Para os historiadores, trata-se, sobretudo, como dizíamos acima, da germinação de um pressuposto metodológico maior: a história não é somente o estudo do passado, ela também pode ser, com um menor recuo e métodos particulares, o estudo do presente.

Essa evolução induz uma novidade essencial que não se pode omitir na observação da história do presente: a concordância cronológica entre a "banalização" dos estudos tratando do período posterior a 1945 e o fato de que hoje os historiadores não se recusam mais a trabalhar sobre os

<sup>26</sup> CHAUI, Marilena. *Neoliberalismo: a nova forma do totalitarismo*. A Terra é Redonda, 06 out. 2019.

acontecimentos que puderam viver. Essa singularidade nos leva a refletir sobre a natureza dessa presença física do historiador em seu tempo e no seu tema.<sup>27</sup>

Entendemos por aqui o presente como um fato que foi experimentado/vivenciado contemporaneamente pelo elaborador da narrativa, que este para conseguir trazer veracidade e proximidade aos fatos narrados, deve-se atentar na formação de opiniões geradas pela experiência e dedicar-se ao estudo do fato em si. cientificidade.

Certamente, aquele que escreve história imediata é testemunha e historiador (enquanto (d)escreve a história), ele nunca ignora o rigor científico. Mas ele é igualmente ator, está em relação direta com seu tema. Ele pode ser passivo ou ativo, neutro ou engajado, e sua obra pode se tornar tomada de posição ideológica, moral, benevolente ou combativa.<sup>28</sup>

Olavo, utiliza da de sua experiência pessoal para formação da narrativa, utilizando um caráter jornalístico para construção desta, porém o ponto tocante nesta reflexão, é quando este caráter jornalístico intrínseco nas suas escritas é dedicado às questões históricas que já estão cientificamente esclarecidas, como as citações utilizadas anteriormente quando referente ao período da ditadura militar, a utilização de uma experiência pessoal, para construção distorcida de uma memória a partir de um princípio comparativo.

O discurso olavista, alicerçado em teorias conspiratórias, revisionismos históricos e uma retórica agressiva, não pode ser compreendido apenas como excentricidade de um pensador isolado. Ele deve ser visto como parte de uma estratégia discursiva mais ampla, que atua no campo da disputa política e cultural. Ao manipular símbolos, memórias e ressentimentos, o olavismo não apenas desfigura a história, mas constrói uma narrativa que opera como mecanismo de deslegitimação dos adversários e de corrosão das instituições democráticas. Nesse sentido, sua função é essencialmente política: criar um horizonte explicativo simplificado, no qual a sociedade brasileira é apresentada como vítima de uma grande conspiração comunista, ao mesmo tempo em que seus seguidores se colocam como os únicos capazes de resgatar a “verdade” e “salvar” a nação.

---

<sup>27</sup> TÊTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP, p. 15, 1999

<sup>28</sup> TÊTART, Philippe. **Questões para a história do presente**. Bauru, SP, p. 25, 1999

Esse processo implica uma pedagogia do ódio, na medida em que constrói um inimigo interno permanente — seja ele o Partido dos Trabalhadores, a esquerda em geral, ou qualquer voz crítica à agenda conservadora. Tal inimigo não é concebido apenas como adversário político legítimo, mas como ameaça existencial, cuja eliminação se torna condição para a sobrevivência da nação. Esse maniqueísmo simplista cumpre dupla função: por um lado, mobiliza afetos negativos como medo, ressentimento e raiva; por outro, oferece uma explicação totalizante para problemas complexos, retirando do debate público a possibilidade de mediação racional e democrática. Assim, o olavismo opera como vetor de radicalização política, produzindo discursos que visam desestabilizar o espaço democrático em nome de uma suposta cruzada moral.

Não por acaso, essa retórica encontrou ambiente fértil na década de 2010, quando o Brasil vivenciava não apenas uma crise econômica, mas também um esgarçamento das formas tradicionais de representação política. As redes sociais, em especial, potencializaram essa lógica, ao permitir a circulação rápida e massiva de conteúdos simplistas, muitas vezes calcados em desinformação e em uma estética de indignação permanente. A linguagem direta, agressiva e conspiratória de Olavo de Carvalho adaptou-se perfeitamente ao ambiente digital, convertendo-se em capital político a ser explorado por diferentes atores da direita radical e pela extrema direita. A lógica dos algoritmos que regem esta esfera comunicacional, que preza a maior circulação e manutenção de atenção, mobilizou o ódio como afeto e de maneira exponencial multiplicou a circulação dos detratores da democracia, pois o lucro governa os interesses nesta esfera particular de rendimentos.

É nesse contexto que as Jornadas de Junho de 2013 se revelam um marco fundamental. Inicialmente caracterizadas pela pluralidade de pautas e pela rejeição generalizada à classe política, as manifestações abriram espaço para a disputa narrativa em torno de seu significado. Se, por um lado, parte dos movimentos sociais buscava pautar demandas progressistas pelas quais pretendiam que fossem ampliadas as conquistas e aprofundadas as reformas a serem atendidas, por outro, grupos conservadores — alimentados pelo discurso antipetista e anticomunista — passaram a ressignificar os protestos como expressão da insatisfação contra o “projeto de poder” do PT. O olavismo, com seu arsenal discursivo baseado no medo e na retórica da conspiração, foi crucial para reinterpretar os acontecimentos de 2013, retirando deles sua pluralidade e transformando-os em ponto de inflexão no processo de radicalização política. O discurso olavista de ódio e medo correspondia à insatisfação de grupos poderosos

insatisfeitos com os jogos democráticos, e catapultado na expansão das redes sociais a partir dos algoritmos de atenção, ganharam escopo e ampliaram a sua ação.

Dessa forma, a compreensão do papel do olavismo não pode ser dissociada da análise das Jornadas de Junho e do papel das mídias sociais nestes eventos. O que estava em jogo não era apenas uma disputa sobre a memória recente, mas o estabelecimento de um terreno simbólico no qual o revisionismo histórico e a retórica conspiratória se tornaram instrumentos de ação política. Nesse sentido, as manifestações de 2013 funcionaram como catalisadoras da apropriação discursiva olavista, abrindo caminho para a consolidação de um imaginário autoritário que moldaria, nos anos seguintes, tanto a esfera pública quanto às práticas institucionais.

## **CAPÍTULO 2. O DISCURSO OLAVISTA E AS JORNADAS DE JUNHO DE 2013**

Diante de todo esse panorama discursivo forjado por Olavo de Carvalho — ancorado em teorias conspiratórias, revisionismos históricos e estratégias de desinformação —, é imprescindível observar como tais ideias encontraram solo fértil na conjuntura política brasileira da década de 2010. O acirramento do discurso anticomunista e antipetista, propagado pelas redes digitais e amplificado por setores midiáticos, contribuiu decisivamente para a formação de uma opinião pública hostil a determinados grupos políticos. Nesse contexto, as Jornadas de Junho de 2013 despontam não apenas como um marco de mobilização social apartidária, mas também como um momento chave de disputa simbólica e narrativa, onde a atuação da grande mídia — e posteriormente das redes bolsonaristas — teve papel fundamental na ressignificação dos protestos, na diluição de suas pautas originais e na pavimentação de um cenário de instabilidade institucional. Assim, ao compreender como os discursos olavistas ajudaram a preparar o terreno para uma política de ruptura, torna-se possível analisar, com maior profundidade, de que maneira as manifestações de 2013 foram absorvidas e reinterpretadas por diferentes agentes sociais, especialmente pela mídia tradicional, e como isso impactou a trajetória democrática do país nos anos seguintes.

Durante o governo de Dilma Rousseff, houve um aumento da tensão política, culminando em seu impeachment em 2016. O ponto central, que trarei para este debate, são os movimentos populares sem partidos que iniciam-se no ano de 2013, nomeados posteriormente, como Jornadas de Junho. É difícil realizar uma medida para extensão temporal destes movimentos, uma vez que estes protestos não iniciaram-se em Junho, nem tiveram seu término dentro do recorte mensal, outros protestos populares que o antecederam resultaram em seu desfecho. Como qualquer outro processo histórico, este carrega consigo os eventos antecedentes. Entretanto, não por isso, tem sua singularidade ofuscada, o que apontamos como Jornadas de Junho, deriva-se de sua grande magnitude nacional e amplitude de pautas levantadas, onde nota-se o gatilho para sua decorrência, sendo o aumento das tarifas de transporte público, no qual guiados pelo “Movimento Passe Livre” em São Paulo, articulam nos protestos uma sobreposição espontânea, a qual viabiliza uma organização apartidária.

Logo, como foi realizado a cobertura de divulgação midiática sobre as Jornadas de Junho, quais e se houveram estratégias midiáticas aplicadas com o intuito de contornar e manipular a verdade e a memória, realizada pelas mídias tradicionais, que neste trabalho, me

refiro as emissoras de televisão e rádio, como: *TV Globo*<sup>29</sup>; *Record*<sup>30</sup>; *Jovem Pan*<sup>31</sup> entre tantas outras como espaço e direito jornalístico.. Tal manipulação midiática atinge a população brasileira, com a utilização das "fake news" e teorias conspiratórias, como as defendidas por Olavo de Carvalho<sup>32</sup>. Futuramente, adentrarmos nos detalhes referente a sua longevidade e propagação identitária das Jornadas de Junho, juntamente com a condução midiática deste acontecimento.

Contudo, antes de adentrar no campo das disputas, midiáticas, filosóficas e políticas que ameaçaram a democracia brasileira, é necessário compreender a formação do Movimento Passe Livre e os acontecimentos dos mandatos de Dilma Rousseff, que causaram insatisfação popular e criaram uma ruptura na confiança governamental.

## 2.1 Movimento Passe Livre

O Movimento Passe Livre (MPL) é uma organização social autônoma, horizontal e apartidária, que surgiu no início dos anos 2000, tendo como principal bandeira a luta pela tarifa zero no transporte público urbano. Sua formação está diretamente ligada a mobilizações contra o aumento das tarifas de ônibus e à crítica ao modelo de transporte coletivo como mercadoria, evidenciando as contradições entre o direito à cidade e a lógica do lucro nos serviços públicos.

O embrião do MPL foi a Revolta do Buzu<sup>33</sup>, ocorrida em Salvador (BA) em 2003. Naquele ano, estudantes secundaristas organizaram intensos protestos contra o aumento da tarifa de ônibus, que culminaram em ocupações de garagens de ônibus e interdições de vias públicas. A repressão policial não impediu que as manifestações se espalhassem por outras cidades brasileiras. Em 2004, ocorreu a Revolta da Catraca em Florianópolis (SC), um movimento que obteve grande repercussão ao conseguir, por meio de protestos organizados e

---

<sup>29</sup> A TV Globo é uma emissora de televisão aberta, fundada em 26 de abril de 1965. Atualmente ocupa o segundo lugar de emissoras de televisão com maior arrecadação e públicos simultâneos, atrás apenas da emissora norte-americana American Broadcasting Company.

<sup>30</sup> Record é uma rede de televisão comercial aberta brasileira, fundada em 27 de setembro de 1953.

<sup>31</sup> Jovem Pan é uma rede de rádio e TV comercial brasileira com programação voltada ao jornalismo, entretenimento e transmissões esportivas, controlada pelo Grupo Jovem Pan, fundada em 3 de maio de 1944

<sup>32</sup> CARVALHO, Olavo. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. 1°. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

<sup>33</sup> MARTINS, Gustavo. **Movimentos urbanos e luta por transporte público no Brasil**. São Paulo: Editora XYZ, 2010.

assembleias populares, a revogação do aumento das tarifas de ônibus — evento que foi um marco para a consolidação do MPL como movimento nacional.

De acordo com Maria da Glória Gonh<sup>34</sup>, o MPL insere-se na nova geração de movimentos sociais urbanos que emergiram no início do século XXI, marcados por uma estrutura organizativa descentralizada, uso intensivo de redes sociais digitais e forte crítica ao Estado e ao mercado. Diferente de movimentos tradicionais, o MPL não se vincula a partidos políticos e preza pela democracia direta em suas decisões, adotando um modelo horizontal de organização, o que lhe confere uma identidade política distinta no cenário dos movimentos sociais brasileiros contemporâneos.

O movimento foi oficialmente constituído em janeiro de 2005, durante o I Encontro Nacional pelo Passe Livre, realizado em Porto Alegre (RS). Esse encontro foi crucial para articular diversas iniciativas regionais, consolidar princípios organizativos e definir a luta pela tarifa zero como objetivo central. Como destaca Carlos Bernardo Vainer<sup>35</sup>, o MPL resgata a ideia do transporte como um direito social fundamental e não como um serviço a ser consumido conforme a capacidade de pagamento do usuário, rompendo com a lógica neoliberal que domina a gestão urbana.

A atuação do MPL ganhou projeção nacional durante as Jornadas de Junho de 2013, quando uma série de protestos contra o aumento das tarifas em São Paulo — organizados pelo MPL — desencadearam manifestações em todo o país. Apesar de sua atuação ter sido inicialmente ofuscada pela heterogeneidade de pautas que emergiram nas manifestações, o MPL foi responsável por articular e catalisar um movimento social que expôs de forma contundente a insatisfação da população urbana com o transporte coletivo, os serviços públicos e a representação política tradicional.

## 2.2 O governo Dilma

Os interesses que culminaram no golpe de 2016 possuem raízes anteriores ao governo Dilma Rousseff, envolvendo a herança da ditadura militar, bem como estruturas patriarcais e

---

<sup>34</sup> GOHN, Maria da Glória. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

<sup>35</sup> VAINER, Carlos. “Quando a cidade vai às ruas: A constituição do ‘comum urbano’ nas lutas por transporte”. In: *Revista PÓS*, São Paulo, n. 2, 2013.

machistas profundamente enraizadas na cultura brasileira, que atuaram como agentes ativos nos processos políticos daquele ano. Assim, é fundamental analisar quais eventos ocorridos durante o governo Dilma foram estrategicamente explorados para justificar a desvalorização e deslegitimação sistemática de sua administração.

Ao analisar os mandatos da presidente Dilma Rousseff, observa-se que seu primeiro mandato representou uma continuidade das políticas dos governos anteriores, especialmente do presidente Lula. Já o segundo mandato caracterizou-se por uma conjuntura turbulenta, marcada por uma eleição com margens reduzidas e pelo agravamento das tensões políticas no Congresso, notadamente em relação ao ministro da Fazenda, Joaquim Levy. Dilma, primeira mulher presidente do Brasil, assumiu em 1º de janeiro de 2011, reiterando o compromisso com a melhoria das condições de vida das classes trabalhadoras e marginalizadas, por meio de programas sociais como *Minha Casa, Minha Vida* e *Brasil Sem Miséria*<sup>36</sup>.

Apesar dos impactos da crise econômica global de 2008, o governo conseguiu manter a inflação sob controle. Em 2011, foram adotadas medidas de austeridade fiscal, incluindo o aumento do depósito compulsório e dos impostos sobre operações financeiras, medidas que, embora destinadas a conter a inflação e estimular o crédito, tiveram efeitos adversos a médio e longo prazo no desenvolvimento econômico do país<sup>37</sup>. As estratégias econômicas resultaram na redução das taxas de juros e na liberação de crédito para famílias, mas também provocaram descontentamento do setor empresarial, desaceleração dos investimentos e aumento do endividamento familiar. Ainda assim, tais políticas garantiram resultados positivos em termos de crescimento econômico no período inicial do governo Dilma<sup>38</sup>.

Esse ambiente de crescente insatisfação e mobilização social encontrou seu ponto de inflexão em junho de 2013, quando os protestos, inicialmente localizados, passaram a tomar proporções nacionais. Alimentadas pela ampla cobertura das mídias alternativas e pelo uso intensivo das redes sociais digitais, as manifestações ultrapassaram os limites geográficos e temáticos originais, transformando-se em um movimento multifacetado e de difícil categorização.

---

<sup>36</sup> BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Programas sociais e inclusão*. Brasília, 2012.

<sup>37</sup> AMARAL, Luiz Carlos Bresser-Pereira. “Crise econômica, austeridade fiscal e seus impactos no Brasil”. *Revista de Economia Política*, v. 34, n. 3, 2014, p. 370-385.

<sup>38</sup> FONSECA, Gustavo et al. *A economia brasileira sob Dilma Rousseff: avanços e desafios*. São Paulo: Editora XYZ, 2015.

## 2.3 Junho de 2013

Em junho de 2013, têm início manifestações populares inicialmente concentradas na cidade de São Paulo, cujo prefeito era Fernando Haddad, do PT, que enfrentava cerco pesado de críticas da mídia tradicional. No entanto, com o protagonismo das mídias digitais e das redes sociais, as mobilizações rapidamente ganharam escala nacional. A principal pauta que impulsionou os protestos foi o aumento das tarifas do transporte público, especialmente em grandes centros urbanos, o que gerou ampla adesão popular. Embora originadas por uma demanda específica, as manifestações passaram a expressar um sentimento generalizado de insatisfação com o governo Dilma Rousseff e com a atuação do Estado nas áreas de mobilidade urbana, saúde, educação e segurança pública.

Com o caráter apartidário do Movimento Passe Livre as manifestações ganharam visibilidade, tornando-se pauta do programa Roda Viva, levando alguns participantes para esclarecer o real sentido e objetivo dos atos.

O Movimento Passe Livre tem sempre uma postura de tentar permitir que todas estas forças que estão unidas para revogar o aumento da tarifa possam se portar conjuntamente na manifestação. Então a gente não incentiva atitudes de fazer com que os partidos baixem as bandeiras, da mesma forma que a gente não incentiva que os partidos fiquem todos com as bandeiras na frente do ato, tentando tomar o ato. A gente sempre se preocupa muito com isto, até com uma estética do movimento, de que fique bem claro que a manifestação é contra o aumento da tarifa, que a gente tenha uma faixa no início que indique exatamente o que é esta manifestação.<sup>39</sup>

As falas de Lucas Monteiro e Nina Cappello, no programa Roda Viva, deixam claro as intenções e reivindicações que são levadas às ruas, pelo MPL, reforçando o caráter apartidário, uma vez que, não excludente a participação de indivíduos os quais teriam identificação partidária, entretanto, sem aglutinar o movimento e as lutas em quaisquer bandeiras que em algum momento ali estavam presentes.

---

<sup>39</sup> [http://www.youtube.com/watch?v=oJUW9nqk\\_-A](http://www.youtube.com/watch?v=oJUW9nqk_-A) 19 Programa Roda Viva. Entrevista com os militantes do Movimento Passe

Livre Lucas Monteiro de Oliveira e Nina Cappello. Disponível em:

<http://www.youtube.com/watch?v=IHol4C50YdA> O trecho citado é parte da resposta de Nina Cappello a uma pergunta que abordava um episódio de hostilização de militantes de partidos de esquerda por parte dos integrantes de uma manifestação.



40

A imagem acima, é retratada pela mídia tradicional, como símbolo das “jornadas de junho”, o retrato, mostra o exato momento em que os manifestantes de Brasília<sup>41</sup> sobem nas estruturas do Palácio do Congresso Nacional<sup>42</sup>, a imagem circula como simbologia de enfrentamento às autoridades dos três poderes. Entretanto, o debate desta pesquisa, neste ponto, não busca investigar as reais intenções ou quaisquer envolvimento partidários que em sua duração ali estiveram presentes. Mas, em apontar como a filosofia de Olavo de Carvalho, da deslegitimação, do anticomunismo, antipetismo, da linguagem chula e argumentação barata, se apresentam e se posicionam perante os acontecimentos de manifestação, ganhando estofos nas disputas das redes e na esfera de atenção das mídias tradicionais.

Ao início dos atos de protestos, majoritariamente os meios de circulação, começaram uma onda de repercussão midiática, na qual realizam, assim como Olavo, uma desvalorização do movimento, além de intervenção das forças públicas com apoio a repressão dos chamados

<sup>40</sup> Dez anos de junho de 2013: os efeitos dos protestos que abalaram o Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/articles/cv281p5znrjo>>.

<sup>41</sup> Brasília é a atual capital da república brasileira, localizada no Distrito Federal, construída de maneira planejada nos anos 50, tornando-se a capital do País em 21 de abril de 1960.

<sup>42</sup> O Palácio do Congresso Nacional é o edifício construído para abrigar o Congresso Nacional do Brasil, inaugurado em 1960. Foi concebido pelo arquiteto Oscar Niemeyer, com projeto estrutural do engenheiro Joaquim Cardozo.

baderneiros, para que fosse obtida ordem ou na melhor das hipóteses, que chegassem ao fim, como é publicado pela Folha de São Paulo<sup>43</sup>.

O direito de manifestação é sagrado, mas não está acima da liberdade de ir e vir --menos ainda quando o primeiro é reclamado por poucos milhares de manifestantes e a segunda é negada a milhões. É hora de pôr um ponto final nisso. Prefeitura e Polícia Militar precisam fazer valer as restrições já existentes para protestos na avenida Paulista, em cujas imediações estão sete grandes hospitais. Não basta, porém, exigir que organizadores informem à Companhia de Engenharia de Tráfego (CET), 30 dias antes, o local da manifestação. A depender de horário e número previsto de participantes, o poder público deveria vetar as potencialmente mais perturbadoras e indicar locais alternativos.<sup>44</sup>

Percebe-se, que o discurso busca desvalorizar o movimento de maneira sistemática, em que destaca a manifestação de maneira culposa e injusta, ao realizar uma comparação quantitativa dos participantes com a dimensão habitacional de São Paulo, além de induzir ao leitor, um recorte que busca sensibilizar quando mencionado a proximidade com hospitais locais, além de cobrar ação repressiva da prefeitura petista. O teor da coluna, impõe de maneira objetiva, embora não assinada, uma proximidade com opiniões políticas em defesa de seus interesses de controle. Contudo a presente filosofia olavista, não limita-se a apenas um único enfoque isolado específico, mas, na realização de uma ação massiva e estratégica de bombardear seu leitor com seus recorte minuciosamente distorcidos. Outro exemplo emblemático dessa linha editorial encontra-se em matéria publicada no mesmo dia pelo Jornal Estado de São Paulo<sup>45</sup>, que adota um tom semelhante, porém com linguagem mais agressiva.

No terceiro dia de protesto contra o aumento da tarifa dos transportes coletivos, os baderneiros que o promovem ultrapassaram, ontem, todos os limites e, daqui para a frente, ou as autoridades determinam que a polícia aja com maior rigor do que vem fazendo ou a capital paulista ficará entregue à desordem, o que é inaceitável. Durante seis horas, numa movimentação que começou na Avenida Paulista, passou pelo centro - em especial pela Praça da Sé e o Parque Dom Pedro - e a ela voltou, os manifestantes interromperam a circulação, paralisaram vasta área da cidade e aterrorizaram a população. O reconhecimento por parte de dirigentes do MPL de que perderam o controle

---

<sup>43</sup> FOLHA DE S.PAULO. Folha de S.Paulo [online]. São Paulo: Grupo Folha, diário. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br>. Acesso em: 20 ago. 2025.

<sup>44</sup> Retomar a Paulista. Folha de São Paulo, São Paulo, 13.6.2013, p. 2.

<sup>45</sup> O ESTADO DE S. PAULO. O Estado de S. Paulo [online]. São Paulo: OESP, diário. Disponível em: <https://www.estadao.com.br>. Acesso em: 20 ago. 2025.

das manifestações, assim como a diversidade dos grupos que o compõem - anarquistas, PSOL, PSTU e juventude do PT, que têm em comum o radicalismo -, não atenuam a sua responsabilidade pelo fogo que atearam. A reação do governador Geraldo Alekmin e do prefeito Fernando Haddad - este apesar de algumas reticências - à fúria e ao comportamento irresponsável dos manifestantes indica que, finalmente, eles se dispõem a endurecer o jogo. A atitude excessivamente moderada do governador já cansava a população. Não importa se ele estava convencido de que a moderação era a atitude mais adequada, ou se, por cálculo político, evitou parecer truculento. O fato é que a população quer o fim da baderna - e isso depende do rigor das autoridades.<sup>46</sup>

A partir da citação acima, encontramos alguns dos pilares, aqueles elencados no capítulo anterior, os quais Olavo de Carvalho se apoia para disseminar o discurso do ódio. Pautados, em uma retórica da qual, buscam deslegitimar os protestos do MPL, deixam claro seus interesses e cunho jornalístico. Por mais que reforçada as questões apartidárias, que formam o caráter do movimento, o jornal em questão, afilia estes a partidos com orientação política de esquerda, realizando uma afirmação — falsa afirmação, generalizadora, que induz ao leitor compreender tais atos como violentos e filiados a interesses partidários. Não levantamos ao debate o cunho político dos jornais apresentados acima, uma vez que estes são conhecidos por defender os interesses de grupos de poder econômicos brasileiro. O ponto de destaque é a mobilização da retórica olavista na construção das narrativas analisadas, o apelo pela intervenção estatal e a marginalização dos envolvidos de maneira sistemática.

O cenário de protestos nacionais, desencadeado pelo Movimento Passe Livre (MPL), abre um campo de disputa política do qual o movimento não participa diretamente, mas acaba se tornando palco de retaliações e alvo de discursos que incorporam o *modus operandi* da filosofia olavista. É justamente esse o ponto que buscamos explorar: a disseminação do uso da narrativa olavista e sua contribuição para a ascensão da extrema-direita no Brasil.

Para ampliar o escopo da análise sobre como esse discurso se infiltrou na circulação midiática, tomamos como exemplo o jornalista e escritor Reinaldo Azevedo. Antigo simpatizante de partidos de esquerda, Azevedo passou a se posicionar como um dos principais difusores dessa retórica. Em 2008, publicou a coletânea “O País dos Petralhas”, e, em 2012, lançou o segundo volume. Ambas as obras, lançadas antes das Jornadas de Junho de 2013 e da

---

<sup>46</sup> Chegou a Hora do Basta. O Estado de São Paulo. São Paulo, 13.6.2013, p. 2.

coletânea de Olavo de Carvalho, já apresentavam traços discursivos que seriam utilizados pela extrema-direita como ferramentas para ganhar apoio popular nos anos seguintes.

Em 2013, Azevedo contribui para o fortalecimento desse discurso ao atacar os atos do MPL e o governo Dilma. Em uma coluna publicada na *Veja*<sup>47</sup>, escreve:

Como alguém sempre paga e como muitos desses vagabundos não trabalham, os burguesotes, fingindo-se de comunas, querem que os trabalhadores arquem com o custo de sua boa vida. [...] o Movimento Passe Livre quer usar a questão do transporte público para “superar os limites do capitalismo”. Uau! É evidente que alguns bobocas de extrema esquerda — sustentados, obviamente, por pais que trabalham — estão metidos em mobilizações dessa natureza. [...] Esses bandidinhos precisam pagar por aquilo que fazem. E é preciso deixar claro quem está protestando na rua. [...] Lugar de bandido que depreda bens públicos e põe em risco a segurança de terceiros é, a depender da idade, a cadeia ou a Fundação Casa.<sup>48</sup>

Esse trecho evidencia os pilares que sustentam a narrativa olavista: o uso de uma linguagem agressiva e desmoralizante, que visa deslegitimar o alvo. Ao afirmar que “esses bandidinhos precisam pagar por aquilo que fazem”, Azevedo aponta culpados de forma simplista, estabelecendo uma ligação direta entre os manifestantes e estigmas associados à esquerda. Termos como “burguesotes”, “comunas” e “bobocas de extrema esquerda” evocam uma memória coletiva moldada pela ditadura militar, em que ideologias progressistas são tratadas como ameaças à ordem social.

Retomando a análise sobre o desenvolvimento das manifestações em paralelo com sua cobertura midiática, observa-se que, após o apoio explícito à intervenção estatal sob o pretexto de restabelecer a ordem, os veículos de mídia passaram a realizar uma cobertura mais próxima dos eventos nas ruas. Essa reaproximação visava justificar — ou até mesmo provar — os discursos inicialmente propagados.

Ao presenciarem o cenário que ajudaram a fomentar, os jornalistas se depararam com uma realidade contrastante em relação às rotulações anteriores. A repressão policial, promovida

---

<sup>47</sup> <https://veja.abril.com.br/>

<sup>48</sup> <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/passe-livre-lugar-de-delinquente-e-na-cadeia-ou-na-fundacao-casa/>

sob o argumento de “controle” dos protestos, revelou-se imprudente e desproporcional. A atuação da Polícia Militar como instrumento de força estatal resultou em inúmeros feridos, inclusive profissionais da própria imprensa. Entre os casos mais graves estão o da jornalista Giuliana Vallone, da *Folha de S. Paulo*, e do fotógrafo Sérgio Silva, da Futura Press — ambos atingidos no olho por balas de borracha. O tiro certo nos olhos é uma prática difundida por forças de repressão principalmente nos movimentos sociais que pleiteiam a ampliação de conquistas, tendo ocorrido nos protestos chilenos, na primavera árabe e em diversos eventos contemporâneos aos brasileiros. Há um modus operandi comum às forças de repressão às quais não escapam nossa militarização da polícia. É necessário maior investigação a este modelo de controle social e repressão por meio das forças policiais, mas não é este o escopo desta monografia, entretanto, cabe frisar que aqui assistimos a esse modelo de criminalização, perseguição e repressão, sendo a imprensa na base de seus jornalistas e fotógrafos, nos grupos estudantis e nos movimentos reivindicatórios o foco da atenção para o qual estes controladores se voltaram.

Diante do cenário caótico instaurado pela repressão policial, o discurso jornalístico passou a se apresentar de forma apática, confusa e contraditória. A narrativa antiprogressista, antes predominante na cobertura, perdeu força diante das imagens transmitidas ao vivo, que evidenciaram a brutalidade policial. Tal contradição expôs a incoerência entre o discurso midiático e os fatos registrados, comprometendo a credibilidade da narrativa construída até então.

Em junho de 2013, o Brasil viveu uma convulsão social jamais vista desde o movimento Diretas Já (1983-84). As chamadas “Jornadas de Junho” pautaram os noticiários de todo o país, forçando um debate acerca das novas formas de protesto, sem o protagonismo dos partidos políticos e com uma forte adesão da juventude. A variedade de pautas, a horizontalidade do movimento e a interação internet-rua eram características que desafiavam os comentaristas. As novas tecnologias, como celulares smartphones, permitiram uma cobertura em tempo real do que se passava nas ruas, evidenciando cenas de abuso por parte das autoridades policiais. As redes sociais se tornaram um outro campo de batalha, onde vídeos e fotos eram compartilhados tanto para criticar quanto para apoiar a ação da polícia. As imagens que circulavam, sobretudo, nas redes sociais da Internet mostravam a violência das forças policiais contra manifestantes e, até mesmo, contra jornalistas. Mesmo assim, a grande mídia, com raras exceções, enquadrava os manifestantes na posição de vândalos.<sup>49</sup>

---

<sup>49</sup> SCHIAVONI, Daniel. “Bandoleiros, Vagabundos e Criminosos”: A Construção da Realidade a Partir dos Discursos no Blog de Reinaldo Azevedo Durante os Protestos de Junho de 2013. Intercom, 9 set. 2016.

Confrontados com os efeitos diretos da repressão policial — especialmente quando profissionais da imprensa foram vítimas — os principais veículos de comunicação passaram a rever suas posições. O discurso inicialmente contrário às manifestações perdeu força e passou a apresentar os protestos sob uma ótica mais empática, reconhecendo a legitimidade de parte das reivindicações. Entretanto, as estratégias retóricas do discurso antiprogressista passam a direcionar a responsabilização dos acontecimentos a novos sujeitos políticos. Esse reposicionamento discursivo representa uma oportunidade estratégica para resgatar pautas anteriormente silenciadas e, sobretudo, para enfraquecer a continuidade dos governos de esquerda, promovendo uma ruptura simbólica e institucional com o ciclo progressista vigente até então. Reinaldo Azevedo, em vez de criticar a repressão estatal, buscou justificá-la, vinculando os protestos à atuação de partidos políticos, especialmente o Partido dos Trabalhadores (PT). Para ele, a violência policial era um componente previsível do contexto, e sua crítica recaiu sobre a própria imprensa, acusando-a de adotar uma postura corporativista ao denunciar os abusos. Em uma de suas colunas, escreveu:

Pior — e melhor para os petistas: há jornalistas feridos, o que tende a gerar uma reação corporativista da imprensa, como se, naquele inferno, policiais tivessem como saber quem é quem” (AZEVEDO, 2013).<sup>50</sup>

Ao utilizar esse argumento, Azevedo não apenas minimiza os abusos cometidos pela força policial, mas também reforça o enquadramento ideológico dos protestos como parte de uma conspiração partidária, alimentando uma retórica de polarização que será amplamente explorada nos anos seguintes pela extrema direita.

Após uma repressão policial intensa, em meio a uma mudança de tom na cobertura midiática — que, salvo exceções persistentes no discurso antiprogressista, passou a expressar apoio às manifestações e a criticar gestões estaduais e municipais —, os aumentos nas tarifas do transporte público foram revogados<sup>51</sup>. No entanto, essa aparente vitória popular era apenas o ponto de partida para uma estratégia narrativa mais ampla.

O movimento que se consolidava não tinha como objetivo central reprimir manifestantes, mas, sim, articular uma deslegitimação sistemática das instituições estatais,

<sup>50</sup> <https://veja.abril.com.br/coluna/reinaldo/geral/haddad-com-muita-coragem-critica-a-policia>

<sup>51</sup> [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619\\_passagem\\_transporte\\_pai](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2013/06/130619_passagem_transporte_pai)

sobretudo dos governos de esquerda. Esse processo se dava através da manipulação seletiva de recortes históricos e da disseminação de um discurso midiático que encontrava na retórica de Olavo de Carvalho a base que justificasse sua argumentação.

Nessa perspectiva, as mídias antiprogressistas incorporam a noção de “guerra cultural” — estratégia teorizada e amplamente difundida por Olavo —, na qual a cultura e os símbolos públicos tornam-se campo de batalha ideológico. O viés não reside apenas nas críticas ao Estado como mídia, mas na vilanificação do jornalismo progressista e na transformação do debate público em uma espécie de enfermidade social.

Olavo mobilizou uma astuta estratégia de fornecer para a nova direita cultural uma constelação doutrinária chamada aqui doravante de “olavismo cultural”. Olavo apropriou-se do formato de uma guerra cultural, e de modo oportunista, aproveitou a mudança estrutural da esfera pública neoliberal com as crises mundiais, assumindo o papel de denúncia de sua inconsistência, dos paradoxos e contradições políticas do lulismo, estabelecendo por meio de sua crítica e de sua estrutura ideológica à direita cultural em torno de contrapúblicos conservadores e de uma atualização de um pensamento esotérico como a doutrina tradicionalista por meio de diagnósticos constantes da realidade nacional.<sup>52</sup>

Como a narrativa construída em torno das manifestações e da repressão estatal foi deslocada de seu caráter inicial de contestação social para um projeto político mais amplo de corrosão da legitimidade institucional. Ao articular a retórica da “guerra cultural” e inserir o olavismo como matriz ideológica, Veras revela que tais práticas não apenas contestam governos progressistas, mas instauram uma lógica de enfrentamento permanente que busca desestabilizar o campo democrático.

É neste ponto, de conflito e divergências populares, que a filosofia olavista é catapultada pelas mídias, sendo abraçado a partir desta ampla divulgação por diversos setores da sociedade como sendo verdades incontidas e rebelde, expelindo ódio declarado e direcionado contra o Partido dos Trabalhadores(PT) e contra as pautas de avanços sociais e culturais que começaram a obter relevância e atenção mínima.

---

<sup>52</sup> VERAS, Thor João de Sousa. *Negacionismo viral e política exterminista: notas sobre o caso brasileiro da Covid-19*. Voluntas: Revista Internacional de Filosofia, v. 11, e45, p. 7, jul. 2020.

Quem poderia ser contra uma decisão tão coerente com as tradições pedagógicas do partido que nos governa? Sugiro até que a cerimônia de homenagem seja presidida pelo ex-ministro da Educação Fernando Haddad, aquele que escrevia “cabeçário” em vez de “cabeçalho”, e tenha como mestre de cerimônias o principal teórico do Partido dos Trabalhadores, dr. Emir Sader, que escreve Getúlio com LH. A não ser que prefiram chamar logo, para alguma dessas funções, a própria presidenta Dilma Rousseff, aquela que não conseguia lembrar o título do livro que tanto a havia impressionado na semana anterior, ou o ex-presidente Lula, que não lia livros porque lhe davam dor de cabeça.<sup>53</sup>

Aqui temos um trecho que exemplifica de forma contundente o funcionamento do discurso olavista, que ganha força justamente em momentos de polarização e instabilidade social. É nesse ambiente de conflito e deslegitimação da política institucional que a retórica de Olavo de Carvalho é amplificada pelas mídias e incorporada por setores diversos da sociedade. A linguagem adotada, marcada por sarcasmo, insultos pessoais e desprezo pelo debate qualificado, busca ridicularizar figuras públicas associadas à esquerda, como Fernando Haddad, Emir Sader, Dilma Rousseff e Luiz Inácio Lula da Silva. Mais do que simples ataques pessoais, esse tipo de construção discursiva visa minar a credibilidade intelectual e política de seus alvos, apelando para estereótipos que associam o campo progressista à ignorância, à incompetência e à desordem. Ao transformar esses insultos em verdades “rebeldes” e supostamente inquestionáveis, o discurso olavista seduz parcelas do público que se identificam com uma retórica antissistêmica e antielitista, ao mesmo tempo em que reforça o antipetismo como elemento estruturante da extrema-direita brasileira. Trata-se, portanto, de uma estratégia discursiva calculada, que atua não apenas na esfera da opinião pública, mas também na formação de uma cultura política reacionária e hostil aos avanços sociais e culturais promovidos pelos governos de orientação progressista.

A análise das manifestações de junho de 2013, sob a perspectiva do discurso político-midiático, revela um processo complexo de ressignificação simbólica do espaço público brasileiro. Ainda que originadas por pautas específicas e com um caráter apartidário evidenciado pelos integrantes do Movimento Passe Livre (MPL), tais manifestações rapidamente se tornaram alvo de disputas narrativas que extrapolam a esfera da mobilização social. A cobertura midiática inicial — marcada por uma tentativa de desqualificação dos protestos — evolui, posteriormente, para um discurso de condescendência seletiva, que

---

<sup>53</sup> CARVALHO, Olavo. Viva Paulo Freire!. In: CARVALHO, Olavo. **O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota**. 1°. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013. p. 354.

reposiciona os sujeitos políticos e reorienta a responsabilização dos atos. É neste contexto de crise e reconfiguração discursiva que a retórica associada à filosofia de Olavo de Carvalho ganha proeminência.

Ao articular elementos como o antipetismo, o anticomunismo e a deslegitimação de instituições e agentes públicos por meio de uma linguagem agressiva e sarcástica, o discurso olavista encontra ampla aceitação em setores sociais descontentes com a política tradicional. Tal narrativa, difundida por veículos da grande imprensa e reforçada por figuras como Reinaldo Azevedo, não apenas atua na consolidação de uma cultura política reacionária, como também serve de alicerce para a ascensão da extrema-direita no Brasil. Assim, as Jornadas de Junho não representaram o fim de um ciclo, mas o início de um processo mais profundo de radicalização ideológica, no qual o debate público é progressivamente moldado por discursos de ódio, distorção argumentativa e negação da pluralidade democrática.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise da trajetória intelectual e discursiva de Olavo de Carvalho permite compreender não apenas a formação de uma figura polêmica e marginal no cenário cultural brasileiro, mas sobretudo os mecanismos de estruturação de um projeto ideológico que se mostrou decisivo para a ascensão da nova direita no século XXI. Embora Carvalho não possuísse trajetória acadêmica consolidada, tampouco reconhecimento formal no campo filosófico, sua capacidade de articular narrativas conspiratórias, de mobilizar ressentimentos sociais e de reinterpretar o passado nacional em chave autoritária transformou-o em um dos principais ideólogos de um movimento mais amplo de radicalização política. Dessa forma, seu legado não pode ser reduzido a mero folclore ou excentricidade, mas deve ser avaliado como parte de um processo histórico e político de maior envergadura.

Ao revisitar os três pilares centrais do pensamento olavista – o anticomunismo/antipetismo, a difusão de teorias conspiratórias e a ressignificação da memória da ditadura militar – torna-se evidente que seu discurso se sustenta menos na coerência racional e mais em estratégias retóricas de intimidação, desqualificação e distorção. O anticomunismo, longe de constituir crítica sistemática ao pensamento marxista, converte-se em categoria vazia e maleável, aplicada indistintamente a qualquer agente social, intelectual ou político que represente uma ameaça ao status quo conservador. Como observa Marilena Chaui, a função desse anticomunismo é simbólica, pois permite classificar como “inimigo interno” toda e qualquer manifestação crítica, convertendo a disputa política em uma guerra moral na qual não há lugar para a pluralidade democrática.<sup>54</sup> Nesse contexto, o antipetismo emerge como expressão concreta e contemporânea dessa lógica: uma forma de canalizar ressentimentos sociais e promover a deslegitimação de políticas inclusivas, associando-as automaticamente a um suposto projeto de dominação comunista, o velho fantasma do início do século XX mas agora ressignificado e reciclado na forma de antipetismo como sinonímia.

No campo das teorias conspiratórias, Olavo de Carvalho constrói uma narrativa paranoica em que os inimigos são onipresentes e invisíveis, manipulando os rumos da política, da cultura e da educação. A chamada “guerra cultural” constitui, nesse sentido, a chave de mobilização de sua base social: um apelo à resistência contra um inimigo abstrato, mas sempre

---

<sup>54</sup> CHAUÍ, op. cit.

identificado como a esquerda, os intelectuais, os artistas e as universidades públicas. Como argumenta Rubens Pinto Lyra, essa crença generalizada funciona como instrumento de desinformação sistemática, criando um ambiente em que a mentira deliberada e a manipulação se tornam ferramentas legítimas de disputa política.<sup>55</sup> A retórica conspiratória, além de fragilizar a confiança social nas instituições democráticas, estimula um clima de permanente tensão, no qual os cidadãos são mobilizados não pela defesa de direitos, mas pelo medo de uma ameaça inexistente. Nesse ponto, como alerta Secco, é possível identificar convergências com práticas neofascistas, sobretudo no ataque às instituições, na produção artificial de inimigos e na mobilização emocional das massas por meio de narrativas fabricadas.<sup>56</sup> Luiz Marques, o movimento extremista encontrado no Brasil, não é único e exclusivo da nação, mas, um movimento coordenado e compartilhado mundialmente, onde percebem-se estratégias semelhantes.

No presente, a angústia que atíça o neoconservadorismo e joga água no moinho do neofascismo e do neoliberalismo não evoca o espectro da tecnologia moderna, mas a moral e os bons costumes. [...] A extrema direita brasileira compartilha as estratégias transnacionais de Donald Trump (Estados Unidos), Viktor Orbán (Hungria) e Andrzej Duda (Polônia) para implantar uma sociedade totalitária com base no fundamentalismo religioso. Líderes da estirpe de Silas Malafaia (Assembleia de Deus Vitória em Cristo) e Edir Macedo (Igreja Universal do Reino de Deus / Record TV) teceram o enredo.<sup>57</sup>

A partir das análises do historiador Luiz Marques, observa-se que o extremismo brasileiro não opera de forma isolada, mas integra um conjunto de movimentos transnacionais que compartilham estratégias semelhantes de manipulação, moralização e imposição de uma visão totalitária baseada em valores conservadores. Essa perspectiva global permite compreender como práticas neofascistas, como a criação sistemática de inimigos imaginários e a mobilização emocional das massas, não são exclusivas do Brasil, mas se articulam com experiências recentes nos Estados Unidos, Hungria e Polônia. Nesse contexto, o também historiador João César de Castro Rocha acrescenta uma dimensão crucial ao destacar o papel do mundo digital na propagação desses discursos, evidenciando que a retórica do ódio e a

---

<sup>55</sup> LYRA, op. cit.

<sup>56</sup> SECCO, op. cit.

<sup>57</sup> MARQUES, Luiz. **A dimensão paralela do bolsolavismo**. A Terra é Redonda, 12 nov. 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/a-dimensao-paralela-do-bolsolavismo/>

desinformação não apenas capturam agentes populares, mas também se fortalecem em um ecossistema em que algoritmos e redes sociais amplificam a polarização, tornando a manipulação de percepções e verdades uma operação contínua e potencialmente global. Assim, a interseção entre estratégias transnacionais e o ambiente digital brasileiro revela como o olavismo e a extrema direita conseguem expandir seu alcance ideológico, consolidando uma cultura política marcada pelo medo, pelo antagonismo e pela deslegitimação sistemática das instituições democráticas.

É a tentativa da criação de uma ideia, de que existe uma ameaça na pauta dos costumes. [...] é uma produção própria da extrema direita, consiste em inventar inimigos imaginários o tempo todo, porque somente inventando inimigos imaginários, você mantém a massa permanentemente unida contra este adversário. [...] A extrema direita, ela viceja no mundo contemporâneo, porque ela possui afinidades estruturais não planejadas, mas por isso mesmo, ainda mais fortes com o universo digital, é como se o universo digital e a extrema direita fossem irmãs gêmeas, o que uma faz a outra potencializa, o que uma pensa a outra realiza. [...] A extrema direita é a transferência da operação do algoritmo para a política.<sup>58</sup>

Dessa forma, percebe-se que o extremismo de direita no Brasil não é um fenômeno isolado ou espontâneo, mas um processo cuidadosamente articulado, que combina tradições conservadoras, estratégias transnacionais e o poder amplificador das redes digitais. Ao criar inimigos imaginários e explorar o medo, essa lógica mantém a coesão de sua base social, enquanto deslegitima instituições democráticas e distorce a percepção pública da realidade. O resultado é uma cultura política marcada pela polarização intensa, pela disseminação de desinformação e pela consolidação de um ambiente propício à ascensão de ideologias neofascistas, nas quais o digital e o político se entrelaçam de forma estratégica e contínua.

A terceira dimensão do discurso olavista, a reconfiguração da memória da ditadura militar, cumpre função estratégica na legitimação de sua visão autoritária de mundo. Ao minimizar ou justificar a repressão, a censura e a violência estatal, Carvalho reconstrói o passado recente em moldes laudatórios, apresentando o regime como necessário para a defesa da pátria contra uma suposta ameaça comunista. Essa operação retórica, como destacam os

---

<sup>58</sup> DEMORI, Leandro. *Entrevista com João César de Castro Rocha*. YouTube, 19 jul. 2021. Canal: Leandro Demori. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Ajt5GO4pal>. Acesso em: 28 ago. 2025.

trabalhos da Comissão Nacional da Verdade, ignora evidências documentais e testemunhais, substituindo a história pela mitologia política. Philippe Tétart (1999) adverte que a escrita da história do presente exige do pesquisador não apenas proximidade temporal, mas também rigor metodológico e distanciamento crítico.<sup>59</sup> Luiz Gonzaga Motta realiza uma análise que nos auxilia a compreender, no campo jornalístico, a preocupação semelhante levantada por Tétart.

É com esse pano de fundo da teoria da recepção e das idéias de P. Ricoeur que penso poder-se construir uma teoria das narrativas jornalísticas. As notícias são fragmentos parciais de histórias, de personagens e atores dos dramas e tragédias humanas contadas e recontadas diariamente, pontuadas de lacunas e hiatos de sentido que precisam ser permanentemente negociados pelo receptor no ato de leitura.<sup>60</sup>

Olavo, ao contrário, dissolve os limites entre testemunho pessoal, opinião jornalística e narrativa histórica, criando uma versão alternativa dos fatos que cumpre papel ideológico central: naturalizar a repressão e oferecer legitimidade simbólica a novos projetos autoritários.

Com a popularização das redes sociais e a difusão massiva de conteúdos digitais, a retórica olavista encontrou ambiente fértil para sua disseminação, que foi amplificada pelos algoritmos das redes que replicam visualizações e buscam a atenção continuada. O ódio e o medo como afectos são mobilizadores desta atenção, e foram utilizados para a circulação amplificada dos interesses conflitivos e repressores. A linguagem agressiva, o apelo à vaidade do leitor e a constante produção de “verdades alternativas” transformaram-se em ferramentas de engajamento político, contribuindo para a ascensão do bolsonarismo e para a radicalização da esfera pública brasileira. Como lembra Lyra, se a extrema direita brasileira não possui milícias organizadas à moda dos fascismos clássicos, conta, por outro lado, com milícias digitais capazes de mobilizar afetos, manipular informações e produzir ataques sistemáticos contra opositores políticos.<sup>61</sup> Nesse contexto, o discurso olavista funciona como matriz simbólica que alimenta tanto a prática política institucional quanto o ativismo digital de base.

As manifestações de junho de 2013, embora desencadeadas por uma pauta específica — o aumento das tarifas de transporte público —, rapidamente se transformaram em um fenômeno político de maior complexidade, em que a insatisfação popular se articulou com as

---

<sup>59</sup> TÉTART, op. cit., p. 52.

<sup>60</sup> MOTTA, Luiz. **Jornalismo e configuração narrativa da história do presente**. E-compós, 1 dez. 2004.

<sup>61</sup> LYRA, op. cit.

tensões institucionais e as disputas midiáticas. A cobertura da grande mídia, ao enfatizar a desordem e vincular o movimento a partidos de esquerda, exemplifica como narrativas podem ser estrategicamente construídas para deslegitimar mobilizações sociais, criando uma percepção de ameaça que se alinha a interesses conservadores e antiprogressistas.

É nesse cenário que a influência da filosofia olavista se revela mais evidente. Ao fornecer uma estrutura discursiva pautada pelo anticomunismo, antipetismo e teorias conspiratórias, Olavo de Carvalho ofereceu à nova direita ferramentas simbólicas e retóricas capazes de transformar conflitos sociais em guerra cultural. A manipulação de inimigos imaginários e a mobilização emocional das massas, combinadas à ressignificação da memória da ditadura militar, possibilitaram a consolidação de uma narrativa que legitima a ação autoritária e reforça uma cultura política reacionária. Essa estratégia não é exclusiva do Brasil, mas se conecta a movimentos internacionais, indicando que a radicalização da esfera pública contemporânea possui dimensões globais e transnacionais. Outro aspecto central identificado é o papel do universo digital na propagação desse discurso. Redes sociais, algoritmos e conteúdos virais não apenas ampliam o alcance das ideias olavistas, mas também potencializam sua capacidade de moldar percepções e reforçar divisões sociais. A coexistência entre mobilização online e protestos de rua cria um ecossistema em que o simbólico e o político se entrelaçam, tornando a retórica de ódio e desinformação um instrumento estratégico para influenciar tanto a opinião pública quanto o debate institucional.

Portanto, o legado de 2013 não reside apenas nas conquistas pontuais do movimento ou na reação do Estado, mas na forma como esses acontecimentos serviram de laboratório para a consolidação do olavismo como matriz ideológica da nova direita. Essa compreensão prepara o terreno para analisar, como essas práticas discursivas se incorporaram ao bolsonarismo e à transformação da política brasileira, evidenciando a continuidade entre retórica, mídia e radicalização digital como elementos estruturais da extrema-direita contemporânea.

Assim, compreender Olavo de Carvalho é tarefa que ultrapassa a curiosidade biográfica. Sua influência revela a capacidade de discursos marginais, quando articulados a contextos de crise política e amplificados por novos meios de comunicação, de se tornarem centrais na disputa de hegemonia cultural. O guru, como era chamado por seus seguidores, não criou sozinho a nova direita brasileira, mas forneceu-lhe linguagem, símbolos e inimigos. Seu legado, portanto, deve ser analisado como parte do fenômeno mais amplo do neoconservadorismo e do avanço do autoritarismo no Brasil contemporâneo. Nesse sentido, o

estudo do olavismo insere-se no campo da História do Tempo Presente, que, como defende Tétart, exige do pesquisador lidar com os desafios de escrever sobre eventos e atores ainda vivos na memória social, sem abdicar do rigor científico e do compromisso com a verdade factual.<sup>62</sup>

Logo, os discursos de Olavo de Carvalho – assentados no anticomunismo, nas conspirações e na memória distorcida da ditadura – não são meras excentricidades, mas instrumentos de legitimação de práticas políticas autoritárias e antidemocráticas. Sua difusão massiva no século XXI contribuiu para a normalização da intolerância, do obscurantismo e da desinformação como estratégias de disputa. Diante desse cenário, a tarefa crítica e ética da pesquisa acadêmica consiste em desmontar os mecanismos retóricos que mascaram a violência simbólica sob a aparência de esclarecimento. Como sintetiza Chaui, a função da crítica é justamente desfazer os consensos que encobrem formas de dominação.<sup>63</sup> Investigar Olavo de Carvalho, portanto, não é apenas compreender um personagem polêmico, mas sobretudo desvendar as engrenagens discursivas que sustentam a nova direita brasileira e que continuam a ameaçar os fundamentos da democracia e do pensamento crítico em nosso tempo. É a partir deste cenário que o Brasil desenvolve-se nos anos subsequentes as Jornadas de Junho, com eventos que mancham a história da República brasileira e marcam na pele da democracia as consequências das eventuais rupturas político-ideológicas.

---

<sup>62</sup> TÉTART, op. cit., p. 52.

<sup>63</sup> CHAUI, op. cit.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Luiz Carlos Bresser-Pereira. “Crise econômica, austeridade fiscal e seus impactos no Brasil”. *Revista de Economia Política*, v. 34, n. 3, 2014.

AZEVEDO, Reinaldo. *O País dos Petralhas*. São Paulo: Três Estrelas, 2008.

AZEVEDO, Reinaldo. *O País dos Petralhas 2*. São Paulo: Três Estrelas, 2012.

AZEVEDO, Reinaldo. *Coluna: Movimento Passe Livre e os “bandidinhos”*. *Revista Veja*, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/>. Acesso em: 8 set. 2025.

BERSTEIN, Serge; MILZA, Pierre. *História do Tempo Presente*. Paris: Seuil, 1999.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. *Programas sociais e inclusão*. Brasília, 2012.

CHAUÍ, Marilena. Neoliberalismo: a nova forma do totalitarismo. *A Terra é Redonda*, 06 out. 2019.

CARVALHO, Olavo de. *O mínimo que você precisa saber para não ser um idiota*. Organização de Felipe Moura Brasil. 1. ed. Rio de Janeiro: Record, 2013.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. *Relatório da Comissão Nacional da Verdade*. Brasília: CNV, 2014. Disponível em: <http://cnv.gov.br/>. Acesso em: 8 set. 2025.

DEMORI, Leandro. Entrevista com João César de Castro Rocha. YouTube, 19 jul. 2021. Canal: Leandro Demori. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=1Ajt5GO4pal>. Acesso em: 28 ago. 2025.

FIORI, José Luis. *O fracasso dos militares*. *A Terra é Redonda*, 31 jan. 2022.

FOLHA DE S. PAULO. *Editorial: O direito de manifestação é sagrado, mas não está acima da liberdade de ir e vir*. São Paulo, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/>. Acesso em: 8 set. 2025.

FONSECA, Gustavo et al. *A economia brasileira sob Dilma Rousseff: avanços e desafios*. São Paulo: Editora XYZ, 2015.

FRANK, Robert. *História do Tempo Presente: entre memória e política*. Paris: Belin, 1999.

JOVEM PAN. *Cobertura jornalística sobre as manifestações de 2013*. São Paulo, jun. 2013.

GONH, Maria da Glória. *Movimentos sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo*. Petrópolis: Vozes, 2014.

LYRA, Rubens Pinto. *Dois anos de desgoverno – os fatores psicossociais e ideológicos*. A Terra é Redonda, 11 abr. 2021. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/dois-anos-de-desgoverno-os-fatores-psicossociais-e-ideologicos/>. Acesso em: 8 set. 2025.

MARQUES, Luiz. *Neoliberalismo: a nova forma do totalitarismo*. A Terra é Redonda, 2022. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/neoliberalismo-a-nova-forma-do-totalitarismo/>. Acesso em: 8 set. 2025.

MARTINS, Gustavo. *Movimentos urbanos e luta por transporte público no Brasil*. São Paulo: Editora XYZ, 2010.

MOTTA, Luiz. *Jornalismo e configuração narrativa da história do presente*. E-compós, 1 dez. 2004.

NOZAKI, William. *O fracasso dos militares*. A Terra é Redonda, 31 jan. 2022.

O ESTADO DE S. PAULO. *Editorial: No terceiro dia de protesto contra o aumento da tarifa....* São Paulo, 13 jun. 2013. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/>. Acesso em: 8 set. 2025.

RÉMOND, René. *Por uma história política*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

REVISTA VEJA. *Colunas de Reinaldo Azevedo sobre os protestos de 2013*. São Paulo: Abril, 2013. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/>. Acesso em: 8 set. 2025.

RIOUX, Jean-Pierre. *L'Histoire du temps présent*. Paris: Seuil, 1999.

ROUSSO, Henry. *A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo*. Paris: Seuil, 1999.

RODA VIVA. *Entrevista com membros do Movimento Passe Livre*. TV Cultura, São Paulo, jun. 2013.

RECORD TV. *Cobertura das Jornadas de Junho de 2013*. São Paulo, jun. 2013.

SECCO, Lincoln. *Antonio Gramsci e o fascismo*. A Terra é Redonda, 10 ago. 2023. Disponível em: <https://aterraeredonda.com.br/antonio-gramsci-e-o-fascismo/>. Acesso em: 8 set. 2025.

SCHIAVONI, Daniel. “Bandoleiros, Vagabundos e Criminosos”: A Construção da Realidade a Partir dos Discursos no Blog de Reinaldo Azevedo Durante os Protestos de Junho de 2013. Intercom, 9 set. 2016.

TETART, Philippe. *Questões para a história do presente*. Paris: Complexe, 1999.

TV GLOBO. *Jornal Nacional – cobertura das Jornadas de Junho*. Rio de Janeiro, jun. 2013.

VAINER, Carlos. “Quando a cidade vai às ruas: A constituição do ‘comum urbano’ nas lutas por transporte”. In: Revista PÓS, São Paulo, n. 2, 2013.

VERAS, Thor João de Sousa. Negacionismo viral e política exterminista: notas sobre o caso brasileiro da Covid-19. *Voluntas: Revista Internacional de Filosofia*, v. 11, e45, jul. 2020.